

LEISHMANIOSE HUMANA- REVISÃO

Heitor Bastos Bueno Oliveira¹
Ana Luiza Pereira Coelho¹
Júlia Ferreira Meirelles de Oliveira¹
Maria Alice Pereira Coelho¹
Nally Gabrielly Dias Silva¹
Maria Paula Pereira Ribeiro¹
Rogério Oliva Carvalho²

rogerioocarvalho@hotmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

PALAVRAS-CHAVE: Leishmaniose, parasitologia, zoonose, *Leishmania*, saúde pública.

INTRODUÇÃO

A leishmaniose é uma patologia causada por um grupo de protozoários heterogêneos que pertencem ao gênero *Leishmania sp.* Existem mais de 20 espécies de protozoários pertencentes a esse gênero, consistem em mais de 90 espécies de flebotomíneos e é transmitida aos humanos e animais através da picada do inseto vetor fêmea. A manifestação clínica geralmente ocorre em áreas expostas como pele leishmaniose cutânea (LC) e mucosa leishmaniose mucocutânea (LM), sendo relatada também leishmaniose sistêmica, conhecida como leishmaniose visceral (LV), (MADRIZ, 2019). A enfermidade é considerada um problema de saúde pública não apenas no Brasil, é uma das endemias de interesse prioritário e fez com que a Organização Mundial de Saúde (OMS) a incluisse entre as seis doenças no programa de controle da referida instituição (COSTA, 2005). De acordo com Rios *et al.* (2022) a doença é classificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como doença de clima tropical negligenciada, 77 países dos 200 reportados pela OMS, são endêmicos para leishmaniose visceral, já foram relatados na América latina aproximadamente 12 países sendo que 96,6% dos casos ocorrem no Brasil. O trabalho tem por objetivo fazer uma breve revisão sobre a Leishmaniose humana, importante doença pouco conhecida pela população.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica insere-se prioritariamente no meio acadêmico com o objetivo de aprimorar e atualizar o conhecimento por meio do estudo científico de trabalhos publicados (SILVA DE SOUSA, 2021). Para este fim fez-se o uso de produções científicas que relatavam sobre a leishmaniose, epidemiologia da doença, sinais clínicos, tratamento e diagnóstico. Sendo assim, o estudo foi realizado a partir de artigos publicados

¹Graduanda em Medicina Veterinária do Centro Universitário Vértice - Univértix

²Médico Veterinário e Professor do Centro Universitário Vértice- Univértix

extraídos das bases de pesquisa *Google Scholar* (Google Acadêmico), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google. Foram utilizados os seguintes descritores: “Riscos da Leishmaniose em humanos”; Leishmaniose”, “Ciclo biológico da Leishmaniose”, “tratamento e diagnóstico da leishmaniose”. Os critérios de exclusão foram, trabalhos que não se adequavam ao tema proposto. Ao encontro dos dados apenas 100 artigos foram relevantes para o tema abordado, sendo excluído relatos de casos, foram selecionados para a leitura completa 12 artigos com exclusão de 3 que não abordavam o tema escolhido. Por fim, os dados foram sintetizados em forma textual, revelando temas de convergência e divergência relativos ao tema investigado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A leishmaniose apresenta características histopatológicas, clínicas e imunológicas distintas, causada por um parasita intracelular obrigatório das células do sistema fagocitário mononuclear (SFM), parasitando principalmente os macrófagos. Apresenta em seu ciclo duas formas: amastigota (sem presença de flagelos, esférica, vista no interior das células dos vertebrados) e paramastigota (forma encontrada no tubo digestivo dos invertebrados, forma flagelada e longa). A enfermidade é transmitida por flebotomíneos do gênero *lutzomyia* (BALIAN, 2014). Durante o repasto sanguíneo a fêmea do gênero *lutzomyia* inocula nos animais vertebrados a forma promastigota metacíclica que é fagocitada principalmente pelos macrófagos se transformando na forma amastigota, a mesma se multiplica por fissão binária. Em consequência se um vetor fêmea do gênero *lutzomyia* se alimentar de linfa ou sangue deste hospedeiro vertebrado infectado ela se infectar e o ciclo se repete novamente (BALIAN, 2014). A leishmaniose tegumentar possui quatro representações, cutânea: pode ter como sinais clínicos: pápula eritematosa que evolui para uma úlcera geralmente indolor, aparece no local da picada. Disseminada: Múltiplas lesões papulares e de aparência acneiforme que acometem vários segmentos corporais. Mucosa: lesão secundária que atinge principalmente septo cartilaginoso, orofaringe e demais áreas associadas e a forma clínica difusa ocorre de maneira insidiosa, lesão única com má resposta ao tratamento, que evolui de forma lenta com múltiplas nodulações e formação de placas não ulceradas recobrimo uma longa extensão cutânea (VASCONCELOS *et al.*, 2018). Para diagnóstico da patologia é necessário realizar exames laboratoriais como: imunocromatografia, cromatografia, sendo a imunocromatografia mais acessível, rápido é sensível conseguindo diagnosticar leishmaniose visceral e dérmica. Os exames laboratoriais consistem em três grupos de exames: imunológicos, moleculares e parasitológicos (MARTINS E LIMA, 2013). De acordo com Martins e Lima (2013) o tratamento consiste em terapias, fotodinâmica e fármacos. No tratamento medicamentoso observa-se o uso de antimoniais pentavalentes como drogas de primeira escolha e em segunda opção a anfotericina B e derivados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na comunidade científica os materiais sobre a patologia são escassos, por ser pouca priorizada, a doença tem se espalhado em larga escala, atualmente a ciência trabalha para novas inovações de tratamentos porém ainda há dificuldades neste âmbito, já que cada organismo tem suas particularidades e reage de uma forma diferente.

Mesmo com o avanço da ciência a doença é pouco discutida entre a população o que dificulta ainda mais o tratamento e prevenção da enfermidade.

REFERÊNCIAS

BALIAN, Rosana Pereira Morais. **Leishmaniose Tegumentar Americana na região Centro Oeste: avaliação de dados clínicos, epidemiológicos, laboratoriais e moleculares**. Orientador: Miriam Leandro Dorta, 2014. f.76. Dissertação de mestrado Pós-graduação em Biologia das Relações Parasito - Hospedeiro – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

COSTA, Jackson Maurício Lopes. **Epidemiologia das Leishmanioses no Brasil**. Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz Fundação Oswaldo Cruz. Gazeta Médica da Bahia, 2005.

MADRIZ, Beatriz Rojas. Leishmaniose cutânea: uma revisão focada na Costa Rica. **Revista medicina legal de costa rica**, Costa Rica, v.36, n.2, pág. 82-94, set./dez. 2019

MARTINS, Glêndara Aparecida de Souza, LIMA, Maria Dilma de. Leishmaniose: do diagnóstico ao tratamento. **Enciclopédia biosfera**, Goiânia, v.9, n.16. p. 2569, 2013.

RIOS, Letícia Correia *et al.* **Tópicos nas ciências da saúde: Leishmaniose Visceral: Histórico, Agente etiológico, Ciclo biológico, Vetor, Diagnóstico e Tratamento**. v.5. cap.7. p.98-107. Mato Grosso: Pantanal, 2022.

SILVA, Angélica de Sousa. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamento**. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336/1441>. Acesso em: 12/08/2023

VASCONCELOS, Jairla Maria et al. **Leishmaniose tegumentar americana: perfil epidemiológico, diagnóstico e tratamento**. Orientador: Andréa Bessa Teixeira, 2018. f.7. Artigo de Atualização/Update - Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza. Ceará-CE, 2018.